

dezembro 1981

— Você não viu ?

— Não acordei ! Não pude acordar !

Ele mandou a enorme mão fechada contra as rugas dela. A velha tombou nocaute, mas sem aguardar a contagem dos pontos escapuliu para a rua gritando :

— Me acudam !

Quando de novo saiu do xadrez, na manhã seguinte, tinha açambarcado todas as iras do mundo. Arquetetava vinganças tremendas contra o gambá. Todo o gambá é pau-dágua. Deixaria uma gamela com cachaça no terreiro. Quando o bichinho se embriagasse, havia de matá-lo aos poucos. De-va-ga-ri-nho. GOSTOSAMEN-TE.

De noite preparou a esquisita armadilha e ficou esperando. Logo pelas vinte horas o sono chegou e, cansado pela insônia na prisão, ele não lhe resistiu. Mas acordou justamente na hora necessária. A porta do galinheiro, ao luar leitoso, junto à mancha redonda da gamela, tinha outra mancha escura que se mexia dificilmente.

Foi-se aproximando sorrateiro, traiçoeiro, meio agachado, examinando em olhares rápidos o terreno em volta, as possibilidades de fuga do animal, para destruí-las de pronto, se necessário. O gambá fixou-o com os olhos espertos e inocentes e começou a rir :

— Kiss ! Kiss ! Kiss !

(Se o gambá fosse inglês com certeza estaria pedindo beijos. Mas não era. No mínimo estaria comunicando que houvera querido alguma coisa. Comer galinhas, por exemplo. Bêbedo).

O carroceiro examinou o bichinho curiosamente. O luar, que favorece o surto de raposas e gambás nos galinheiros, era esplêndido. Mas o homem apenas tocou-o de leve com o pé, já simpaticizado :

— Vai embora, seu tratante !

O gamba foi indo tropeçadamente. Passou por baixo da tela e parou olhando para a lua. O bichinho se sentia imensamente feliz e começou a cantarolar imbecilmente, como qualquer outra criatura humana :

— A lua como um balão balança !

— A lua como um balão balança !

— A lua como um bal . . .

E adormeceu de súbito debaixo de uma pitangueira.

Plebiscito

Conto de Arthur Azevedo

A cena passa-se em 1890. A família esta toda reunida na sala de jantar. O senhor Rodrigues palita os dentes, repimpado numa cadeira de balanço. Acabou de comer como um abade ; dona Bernardina, sua esposa, está muito entretida a limpar a gaiola de um canário belga. Os pequenos são dois, um menino e uma menina. Ela distrai-se a olhar para o canário. Ele, encostado à mesa, os pés cruzados, lê com muita atenção uma das nossas folhas diárias. De repente, o menino levanta a cabeça e pergunta :

— Papai, que é plebiscito ?

O senhor Rodrigues fecha os olhos imediatamente para fingir que dorme. O pequeno insiste :

— Papai ?

Pausa.

— Papai ?

Dona Bernardina intervém :

— Ó seu Rodrigues, Manduca está lhe chamando. Não durma depois do jantar, que lhe faz mal.

O senhor Rodrigues não tem remédio senão abrir os olhos.

— Que é ? que desejam vocês ?

— Eu queria que papai me dissesse o que é plebiscito.

— Ora essa, rapaz ! Então tu vais fazer doze anos e não sabes o que é plebiscito !

— Se soubesse, não perguntava.

O senhor Rodrigues volta-se para dona Bernardina, que continua muito ocupada com a gaiola :

— Oh, senhora, o pequeno não sabe o que é plebiscito !

— Não admira que ele não saiba, porque eu também não sei.

— Que me diz ? ! Pois a senhora não sabe o que é plebiscito ?

— Nem eu, nem você ; aqui em sua casa ninguém sabe o que é plebiscito.

— Ninguém, alto lá ! Eu creio que tenho dado provas de não ser nenhum ignorante !

— A sua cara não me engana. Você o que é, é muito prosa. Vamos : se sabe, diga o que é plebiscito ! Então ? a gente esta esperando ! Diga . . .

— A senhora o que quer é enfezar-me !

— Mas, homem de Deus, para que você não há de confessar que não sabe ? Não é nenhuma vergonha ignorar qualquer palavra. Já outro dia foi a mesma coisa, quando Manduca lhe perguntou o que era proletário. Você falou, falou e o menino ficou sem saber !